

Do Feio ao Belo: desembaraçando os fios e tecendo considerações sobre o empoderamento capilar feminino negro

Denise Letícia do Nascimento Teixeira

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O que é que o cabelo fez pra ser chamado de ruim?
O que é que o cabelo fez pra ser tão mal falado assim?
O que é que o cabelo fez pra ser chamado de ruim?
Ele lhe traiu ou lhe enganou, lhe magoou ou algo assim?
Cabelo é tudo igual
Cabelo é tudo diferente
Olha só que paradoxo
O cabelo dessa gente
Não seja tão ortodoxo
Ao julgar coisas de etnia
Cada um com suas minhoca
Cada qual com suas mania

Iniciar este relato com a epígrafe referente à música 'Cabelo', de Dom Pepo, é emergir nas diversas dúvidas que sempre se acompanhavam, "*por que meu cabelo é feio?*"¹, "*por que não nasci com um cabelo normal?*"; perguntas que carregavam sofrimento, choros e, principalmente, raiva por ter um cabelo denominado por muitos de "*cheio*". Discorrer sobre essa questão é relatar anos de experiências, principalmente mal sucedidas, em tentativas de "*domar um cabelo tão rebelde*".

Para tanto, apresento o relato de algumas memórias relacionadas às questões capilares e ao processo contínuo de afirmação e aceitação desse cabelo. E em paralelo com tais narrativas, discorro sobre uma atividade de representatividade com alunos de uma escola pública da região metropolitana de Belém do Pará.

Memórias

Desde a mais tenra idade, soube que meu cabelo era "*diferente*" e não podia usá-lo solto, pois sempre haveria comentários para uma possível intervenção à melhorá-lo, com um creme milagroso ou uma técnica nova de alisamento. Por esta razão, meu cabelo sempre estava trançado. Assim, hooks (2005) afirma que mulheres negras têm "várias histórias para contar sobre os conselhos recebidos de todo o mundo, até mesmo de pessoas completamente estranhas, que se sentem gaba-ritadas para atestar que parecemos mais bonitas se "arrumamos" (alisamos) o cabelo."

Diante a tais comentários, com 10 anos de idade, foi iniciado um processo de concretizar o uso de receitas milagrosas, alisamentos naturais, produtos para reduzir volumes; todavia, quan-

¹ Utilizo aspas e grifo para falas que foram ditas sobre meu cabelo.

do percebo que nenhum desses artifícios produz o efeito desejado, início a tentativa de utilizar a chapinha, todo dia, para reduzir o volume capilar. Recordo, nitidamente, da minha mãe fazendo chapinha no meu cabelo, com luvas de pano, pois a temperatura do objeto era alta e queimava as mãos dela. Para bell hooks (2005), esse momento de usar a chapinha como artifício para "domar" o cabelo é a simbologia que a menina cresceu e não pode usar as tranças de antes, além de ser um momento de intimidade entre as mulheres.

Concomitante a isso, para "encaixar-me" com meus colegas de classe, corria meu cabelo constantemente, o que dificultava mais as tentativas de *'controlá-lo'*. Em relação a esse aspecto, hooks (2005) menciona que "essas escolhas de cabelo pintado e alisado estavam diretamente relacionadas com sentimentos de baixa auto-estima. Ela não gosta dos seus traços e acredita que o estilo de cabelo transforma a sua fisionomia.". Através dessas mudanças, acreditava que seria aceita pelos grupos escolares mais facilmente.

Dessa forma, criava um descontentamento profundo. Lembro-me perfeitamente de dois episódios que me marcaram dolorosamente: um no ensino médio, onde uma pessoa da minha sala de aula pediu à outra aluna da classe um objeto para prender meu cabelo, pois "*cabelo feio tem que ficar preso*", sem sequer perguntar se eu gostaria de prendê-lo, um discurso carregado por uma violência simbólica tão naturalizada em nossa sociedade. O outro caso relaciona-se a um alisamento mal sucedido, que, quando meu cabelo ficava molhado, o mesmo exalava um odor, visto que o produto era feito para o cabelo sempre ficar seco ou com chapinha.

E, assim, fui crescendo e renegando minhas características, até que em 2017 resolvi fazer um alisamento profissional, que demorou um período de 6 horas no salão, do início do processo até à finalização; e, diante desse novo cabelo, percebi que o desejo mais almejado – um cabelo bonito, bom e mais fácil de cuidar – não representava quem sou, aquela que via na frente do espelho não era eu. E, nesse momento, pela primeira vez, senti falta de um cabelo volumoso.

Com o passar do tempo, e o alisamento enfraquecendo, observei, somente aos meus 23 anos, que meu cabelo formava cachos e comecei a achá-los bonitos e resolvi deixar ao natural. Logo,

iniciou-se o processo de transição capilar e, nesse momento, soube que meu cabelo possui diversas texturas e os comentários maldosos que sempre ouvi não eram verdade.

Afirmção

Quando compreendi essas diversas texturas capilares, entendi que meu cabelo não era feio ou ruim e que este nem era tão volumoso como diziam. A partir desse momento, começo a estudar sobre o processo de transição capilar, empoderamento feminino, questões relacionadas à classe social e cor. Ressalto que, somente após deixar meu cabelo natural, há questionamentos relacionados à cor da minha pele, pois "não estava associado na minha mente ao esforço de parecermos brancas, de colocar em prática os padrões de beleza estabelecidos pela supremacia branca." (HOOKS, 2005), apenas gostaria de ser aceita pelos grupos e não notava que a característica que buscava são traços que podemos correlacionar com a questão racial.

Diante dos estudos, percebo que "o cabelo se mostra como elemento/instrumento social, cultural e político capaz de alterar, influenciar e construir identidades" (ANDRADE, RIBEIRO e SALES, 2017, pág. 92), principalmente em nossa sociedade ocidental, e assim compreendo com mais ênfase a colocação de Carol Hanisch: "o pessoal também é político", visto que afirmar e acei-

tar meu cabelo se refere a entender um processo histórico e político, que por vezes é negado, para adequar-se a uma classe dominante.

Durante esse período de transição, que não foi simples, houve alguns comentários inconvenientes, porém, através de conversas com outras mulheres e estudos, aprendi a não carregar mais sentimentos tão negativos em relação ao meu cabelo, e que as inseguranças sempre vão existir. Assim, compreendo este como a parte mais singular do meu ser, que constitui a minha história e sempre carregará minhas marcas.

Oficina Boneca Abayomi

Sou professora e, em um dos meus estágios obrigatórios, juntamente com uma colega de classe, desenvolvemos uma oficina sobre a história da boneca Abayomi², em uma escola Estadual de Belém-PA, com uma classe do 5º ano³, com o objetivo de incluir conteúdos da temática étnico-racial em sala de aula, e que não fosse referente a datas comemorativas, logo, proporcionando a valorização e reconhecimento identitário de crianças negras.

Para essa ação no ambiente escolar, houve a contação da história com a ilustração da narrativa através das cenas em E.V.A. Assim, os discentes observaram as paisagens, animais, transportes, a personagem principal e sua família, nos cenários em que a história transcorre.

A contação de história da boneca Abayomi trabalha com a representatividade cultural e oportuniza momentos de formação e socialização de saberes entre os alunos. Haja vista que a simbologia da boneca representa uma importância significativa na constituição do povo brasileiro, ao identificar o elo entre nosso país e o continente africano e, conseqüentemente, exercendo atividades pedagógicas relacionadas com a lei nº 10.639/03.

E ao realizar esse trabalho, as meninas negras que estavam com o cabelo preso o soltaram, pois, naquele momento, identificaram-se com os personagens do conto e estavam sendo representadas, logo, “Construir uma identidade negra positiva em uma sociedade que, historicamente, ensina ao negro, desde muito cedo, que para ser aceito é preciso negar-se a si mesmo, é um desafio enfrentado pelos negros brasileiros” (GOMES, 2003, pág.171).

Ao final da contação de história, foi iniciado uma roda de conversa com o alunado sobre os entendimentos, questionamentos e aprendizados sobre o conto. Posteriormente, houve a oficina de confecção das bonecas Abayomis, através de retalhos de panos, como foi ensinado na história.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os corpos femininos há séculos são subjugados, oprimidos, calados de forma velada ou explicitamente; Engels, em seu livro *A Origem da Família, da Propriedade Privada e do Estado*, explica a origem da opressão da mulher e conclui que esta surge do mesmo processo que instituiu a proprie-

²Para acalantar seus filhos durante as terríveis viagens a bordo dos tumbeiros – navio de pequeno porte que realizava o transporte de escravos entre África e Brasil –, as mães africanas rasgavam retalhos de suas saias e, a partir deles, criavam pequenas bonecas, feitas de tranças ou nós, que serviam como amuleto de proteção. As bonecas, símbolo de resistência, ficaram conhecidas como Abayomi, termo que significa ‘Encontro precioso’, em Iorubá, uma das maiores etnias do continente africano, cuja população habita parte da Nigéria, Benin, Togo e Costa do Marfim. Afreaka:

(<http://www.afreaka.com.br/notas/bonecas-abayomi-simbolo-de-resistencia-tradicao-e-poder-feminino/>)

³Essa ação foi elaborada para uma turma do 2º ano, na qual acompanhava a alguns meses. No entanto, no dia da oficina, a coordenação pedagógica solicitou que ficasse em outra turma.

dade privada e a divisão das classes. Assim, temos que os silenciamentos sobre os corpos femininos constitui um processo histórico que está desde os primórdios da sociedade capitalista.

E o silenciamento, neste relato apresentado pela falta de representatividade ou pelas violências naturalizadas, através do “poder simbólico” (BOURDIEU, 1989) que predomina em sociedade, encontra-se em frente ao institucionalizado “mito da beleza” que até hoje é imposto a muitas mulheres. Assim, ao sermos silenciadas, lucram financeiramente à custa de nossas inseguranças.

No livro *Mulheres que correm com os lobos*, a autora Clarissa Estés, ao estudar o arquétipo da história do Patinho Feio, nos apresenta a colocação “na realidade, ele não é feio. Só não combina com os outros” (ESTÉS, 2018, pág.200), frase que podemos interpretar para nossos traços, características e origens, pois nenhuma dessas características são feias.

REFERÊNCIAS

ANDRADE, G. L. dos S. P.; RIBEIRO, C. S.V.; MAGALHÃES, M. S.; SALES, A. T. B. Empoderamento feminino através da valorização do cabelo crespo/cacheado. *Revista Formadores - Vivências e Estudos*, Cachoeira - Bahia, v. 10, n. 6, p. 90 - 95, nov. 2017.

BOURDIEU, P. *O poder simbólico*. Rio de Janeiro: Bertrand:1989

ESTÉS, C.P. *Mulheres que correm com os lobos*. Rio de Janeiro: Rocco, 2018.

GOMES, N. L. Educação, identidade negra e formação de professores/as: um olhar sobre o corpo negro e o cabelo crespo. *Revista e Pesquisa*, São Paulo, v.29, n.1, p.167-182, jan./jun. 2003.

HOOKS, b. *Alisando o nosso cabelo*. 2005. Acesso: <https://www.geledes.org.br/alisando-o-nosso-cabelo-por-bell-hooks/>

HANISCH, C. *The Personal is Political*. 2006. Acesso: <<http://www.carolhanisch.org/CHwritings/PIP.html>>